



DO MENINO POBRE AO CRIADOR DA CAMPANHA NACIONAL DA ESCOLA DA COMUNIDADE: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE FELIPE TIAGO GOMES EM SUA TERRA NATAL, PICUÍ/PB.

Nosso artigo buscará discutir a construção da memória de Felipe Tiago Gomes na sua cidade natal, Picuí, e como esta memória está associada à experiência educacional implantada por esse educador, político e professor naquela localidade, como parte do seu projeto de educação “popular”: a expansão da Campanha da Escola da Comunidade (CNEC), idealizada por ele, ainda na década de 1940. Para tal investida, analisaremos alguns relatos memorialísticos do próprio Felipe Gomes, como os que compõem o seu livro *Escolas da Comunidade*, bem como de alguns colaboradores da CNEC na cidade de Picuí, como os da professora Maria de Lourdes Henriques, no seu livro-documentário *CNEC/Picuí, 25 anos*. Abordaremos tais relatos, levando em conta que estes foram construídos, obedecendo, como nos ensina De Certeau (1982), a uma prática e a um lugar social desses autores e são essa prática e lugar social que definiram a relação entre o dito e o não dito sobre a CNEC e sobre o seu idealizador, Tiago Felipe Gomes. Ainda discutiremos os “lugares de memória”, que foram criados em homenagem àquele que seria o “personagem mais ilustre” de Picuí, são eles: o memorial-casa e o memorial-estátua. Entendemos que estes forjam uma identificação da cidade, como um todo, com a CNEC e o seu idealizador, visto que estes espaços são criados por grupos políticos locais junto a seus familiares e, assim, passam a representar o lugar material, funcional e simbólico de uma memória que se pretende cristalizar e propagar para gerações futuras. Uma memória enquadrada dentro de uma perspectiva linear, harmoniosa constituída de cima para baixo.

Palavras-chave: Memória, História, CNEC.

Silvia Tavares da Silva

Wandrya Elias dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB Campus Picuí

Silviatav0811@gmail.com

wandryab.girl@gmail.com

INTRODUÇÃO

O referido artigo é resultado das nossas primeiras análises sobre a experiência da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), na cidade de Picuí. As referidas análises são parte do nosso projeto de pesquisa intitulado “Entre memória e história: a experiência da CNEC na cidade de Picuí 1960/1980”, desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Picuí. Nossa intenção é investigar a construção dos discursos em torno da implantação da CNEC na cidade de Picuí e de como eles foram definindo uma memória a respeito do seu idealizador, Felipe Tiago Gomes, como um “herói”, a partir do momento em que consegue

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

[**www.coprecis.com.br**](http://www.coprecis.com.br)



implantar a primeira experiência educacional ginásial na sua cidade natal.

Para tal discussão, pretendemos analisar os relatos memorialísticos em torno da CNEC do seu fundador, mais especificamente, os relatos que compõem o seu livro *Escolas da Comunidade*, ao qual tivemos acesso à sua 6ª edição, revista e ampliada. Neste material, Tiago Felipe Gomes traça uma narrativa linear, que busca relatar o processo de criação do seu projeto de educação, sem perder de vista o entrelaçamento deste com sua história de vida, marcada pelas “adversidades naturais”, às quais os meninos pobres, da mesma condição social de Felipe Gomes, estavam submetidos.

Muitos dos aspectos dos seus relatos serão refletidos em outras narrativas, como é o caso do livro-documentário *CNEC/Picuí, 25 anos*, da professora Maria de Lourdes Henriques. São discursos marcados pela produção de sentidos e que buscam colocar em evidência a imagem de Felipe Gomes como um homem que “dedicou toda a sua vida a uma obra benemérita”. Entendemos que tais relatos são constituídos obedecendo a um lugar social específico e a uma prática (CERTEAU:1982). Assim analisaremos estes, no intuito de perceber, como os referidos elementos, vão definindo, nesses discursos, uma relação, bem definida, com o passado, delimitando, assim, o que deve ser lembrado e esquecido sobre a CNEC e sobre Felipe Tiago Gomes.

Como forma de materializar essa memória, grupos locais criaram, para a cidade, dois espaços: uma casa memorial e um memorial estátua. Trataremos destes como “lugares de memória”, pelo fato de estes se constituírem como elementos funcionais, materiais e simbólicos, forjando, assim, um elo de identidade da população com aquele que seria o personagem “mais ilustre da cidade” (NORA:1994).

A construção dessa memória sobre Felipe Tiago Gomes está intimamente ligada ao projeto da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, idealizada por ele e posto em prática por um grupo de amigos que apoiaram a ideia e que deu a Felipe Gomes uma projeção nacional e até internacional. A experiência da CNEC será responsável por criar uma memória institucional sobre aquele que é visto como o criador e principal responsável pela expansão da CNEC por todo o território nacional, ao mesmo tempo **em** que o associa a um homem visionário, herói, destemido, ousado.

A CNEC: ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA



A partir da ideia de desenvolver espaços que dessem oportunidade ao estudante pobre para seguir com seus estudos, adentrando o ensino secundário, Tiago Felipe, na época, estudante de Direito, no Recife, junto com outros estudantes, que, assim como ele, contavam com a ajuda de terceiros para seguir seus estudos, criou a Campanha do Ginasiano Pobre, em 1943. A história da campanha é retratada num livro de memórias escrito por ele em que descreve a sua trajetória de luta e sacrifício diante das adversidades que se fizeram presentes em sua caminhada como um menino pobre do interior da Paraíba, sem recursos e oportunidades de seguir sua vida escolar, valendo-se da ajuda de “padrinhos” para tal e, assim, continuar seus estudos secundários em Campina Grande, no colégio Pio XI, e seguir para o Recife para cursar direito. No referido livro, o autor dá destaque a essa fase dolorosa da sua vida e rememora

“Ao término do ginásio, fui abalado com a morte da minha mãe. Para a colação de grau, festa importante, não tive gosto nem roupa. Triste, voltei a Picuí, certo de que não teria condições de continuar os estudos por falta de recursos. Minha vontade era fazer Direito, que só existia em Recife...O que existia como possibilidade era a volta à lavoura, viver no tormento da vida do agricultor, seguir os meus antepassados, agora mais pobres ainda, pela perda da minha mãe, grande lutadora. Deus, porém, ouviu-me as súplicas e tocou o coração do Juiz de Direito, Doutor José Saldanha, que, sentindo minha aflição, falou com o Doutor Moraes, dentista com parentes em Recife. E lá fui eu, depois da coleta de algum dinheiro entre parentes.” (GOMES: 1989, 13).

Influenciados pela ideia propagada pelo movimento “entusiasmo pela educação”, que defendia que, através da educação, seria possível construir uma sociedade democrática (SILVA, 2001), Felipe Tiago Gomes com seus parceiros fundam, em 29 de junho de 1943, a Campanha do Ginasiano Pobre (CGP). O período é de grandes transformações políticas, econômicas e sociais. Como aponta (SILVA: 2001, p.97), “estando os centros de decisões políticas sob o controle das elites ligadas à indústria, buscou-se enfraquecer o poder das oligarquias no campo, através das campanhas de massa a favor da educação popular”. A CGP surge nessa conjuntura, mas, ao longo dos anos, vai se transformando e ganhando outros contornos, diferentes daquele de sua origem. Um dos fundadores, Joel Pontes, que chegou a abandonar a Campanha, por não permitir interferências políticas, muitos anos depois, elabora um discurso, em uma conferência, em Recife, em que diz reconhecer que aquele seria um único caminho possível para os destinos da Campanha:

“...é justo que diga da minha discordância quanto à aproximação, pouco antes iniciada com o Governo, e, cada vez mais, estreita,

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



contrariando um dos princípios dos nossos dias mais heroicos, precisamente a de não permitir a interferência de políticos. Parece-me que, se não existiam as escolas gratuitas, como o nosso Ginásio, era por culpa daquele mesmo governo, do qual estávamos procurando depender...Eu nos achava uns ingênuos sendo, talvez, o mais de todos. Não percebia que uma obra do porte imaginada por Felipe Gomes tinha que se desenvolver perigosamente, driblando os interesses escusos, e não podiam desprezar adjutórios capazes de se transformarem em obstáculos caso não fossem aceitos (...)" (PONTES, 1978: p.14)

O discurso de Joel Pontes, ao qual fazemos referência, seria uma revisitação da sua atuação junto aos outros membros que deram início a campanha ainda na década de 1940. Mais de vinte anos depois, a discordância que fez com que Pontes rompesse com o projeto nos primeiros anos de sua atuação, transformou-se no reconhecimento da atitude tomada por Felipe Gomes naquele momento de oposições entre o grupo, pois teria sido a sua persistência em negociar com o governo, que fez a Campanha tomar as proporções de destaque no processo educacional no Brasil.

A CNEC começou com uma proposta, mas as circunstâncias, os cenários políticos, educacionais, sociais e econômicos e a disputa entre propostas educacional para o país, bem como a desenvoltura política de Tiago Felipe Gomes, fizeram com que a Campanha ganhasse outros contornos e se firmasse como espaços de maior investimento do poder público para a educação secundária dos jovens brasileiros. Para alguns estudiosos da CNEC (HOLANDA,1977) (SILVA, 2001), esse projeto teve três fases: a primeira vai da sua criação em 1943 até a criação da Campanha em 1945, marcando, assim, a sua implantação e institucionalização com o Ginásio Castro Alves, na cidade de Recife, e sua aproximação com o governo.

A segunda fase seria em 1946 a 1969, com a queda de Vargas e a consequente democratização da vida pública, e se estende aos quatro primeiros anos dos governos militares. É, nesse período, que a Campanha passa por duas alterações na sua nomenclatura: primeiro passa a se chamar Campanha de Ginásios Populares (CGP), depois para Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG). O último seria mais conveniente para o período, pois desassociaria o termo "popular" de qualquer forma de identificação da Campanha com o partido comunista.

Nos anos 1950, a CNEG passa a contar com verbas do governo (participação dos estados e dos municípios) e com o primeiro auxílio do governo federal. Além do apoio financeiro, o Estado passou a participar também de suas atividades. Há a expansão das escolas por todo o território nacional e a campanha,



através do decreto número 36.505, passa a ser reconhecida de Utilidade Pública, mais precisamente, em 30 de novembro de 1954.

Na terceira fase de 1970 a 1985, a sua política se pauta mais na dimensão da comunidade e foca suas atividades na formação para o trabalho, adequando-se às diretrizes educacionais do período, uma formação mais tecnicista, um dos fundamentos da educação dos governos militares. Dessa forma, a Campanha adota o nome definitivo de Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC).

Segundo SILVA, 2001; 124),

a CNEC, em 1970, elaborou um documento sob o título Exposição de Motivos ao Ministro da Educação e Cultura, versando sobre o efeito multiplicador de investimentos de recursos públicos na CNEC, no qual explicita o objetivo de atender às propostas da política educacional implementada no regime militar, com a vantagem de sua rede de 1.224 escolas em 984 municípios se inserir nas pequenas cidades e na periferia das grandes cidades, onde estavam localizadas as populações de baixa renda, com as quais a política desenvolvimentista tinha especial preocupação, no sentido de integrá-las à produção (em ocupações de baixa renda), para amenizar as tensões sociais.

A CNEC se integra à proposta educacional dos governos militares e, assim, propagara uma educação alicerçada no tecnicismo, legitimando o discurso de uma política educacional pautada no desenvolvimentismo e focada numa formação específica para o trabalho.

Em seu livro “Escolas da Comunidade”, Felipe Tiago Gomes reúne suas memórias em torno da CNEC numa narrativa linear, que se funde com a sua vida. Além de contar sua trajetória de dificuldade para prosseguir seus estudos, numa forma de legitimar a importância do seu projeto para jovens nas mesmas condições sociais como as dele, também faz menção à importância daquela história tratada ali por ele e justifica:

é necessário que os milhares de jovens alunos cenecistas conheçam como surgiu a Campanha Nacional de Escola da Comunidade. As suas lutas, deve constituir-se em motivo de orgulho para os moços que frequentam as nossas escolas. Esta é a razão fundamental deste livro... Espero que a minha contribuição à HISTÓRIA DA CNEC seja encarada pelos leitores como uma narração despretensiosa. Não tive intuítos de escrever um grande livro, ou mesmo um pequeno livro. Quis apenas narrar fatos, muitos dos quais inteiramente ligados a minha pessoa. Daí o personalismo que aparece frequentemente nestas páginas (GOMES: 1989, 19).

O livro ainda vem acompanhado do prefácio feito pela a escritora Raquel de Queiroz, em que a autora faz referência à peregrinação do



idealizador da CNEC e o compara aos mais loucos sonhadores da história, atribuindo a este a ousadia que só pertence aos gênios

(...) são antes os loucos, os fantasistas, os sonhadores que fazem o mundo andar para frente (...) penso nisso ao ler o livro escrito pelo professor Felipe Tiago Gomes – que é em pessoa, o pai, o inventor, a própria alma da CNEC. (...) era o ano de 1943. E ele, Felipe Tiago Gomes, que conhecia na própria carne o drama do estudante pobre, do jovem que quer e não pode, teve uma ideia: criar uma instituição particular que oferecesse aos moços pobres possibilidades de obter conhecimento capazes de vencer os obstáculos naturais existentes numa sociedade em mudança (GOMES, 1989, 5)

Felipe Tiago Gomes é o narrador que vai relatando a experiência da CNEC, mas que, ao mesmo tempo, é posto como personagem principal, o responsável pelos caminhos traçados pela CNEC e, assim, vai dando sentido à sua própria experiência. No livro, estão postos artigos de jornais desde o início da Campanha, cartas de apoiadores da proposta, boletins informativos, listas das primeiras diretorias, projetos de leis, listas de movimentação financeira. Um apanhado de documentos que remetem ao tempo dos primeiros passos da Campanha. Esses dariam legitimidade à narrativa de Felipe Tiago Gomes, visto que integram referência às suas experiências com a criação e expansão da CNEC.

Inferimos que tais documentos integrariam o arquivo do próprio Felipe ou, até mesmo, da própria CNEC. Como nos indica (CAMARGO, 2009, 28), os documentos de arquivos se constituem como prova, pois são entendidos como instrumentos e produtos das ações de indivíduos ou instituição. Esses documentos continuam a representá-los, mesmo quando as razões e os agentes responsáveis por sua criação se transformam ou deixam de existir. Juntar parte desses material produziu uma harmonização na narrativa do autor condizente com as suas pretensões: elaborar uma representação da Campanha que crie um efeito de linearidade e inteligibilidade da trajetória da CNEC com o seu lugar de promotor dessa experiência educacional.

A CAMPANHA CHEGA A PICUÍ

Depois de quase vinte anos da fundação da campanha, em 1943, com a criação do Ginásio Castro Alves, na cidade de Recife, Felipe Tiago Gomes buscou levar uma escola para sua cidade natal, Picuí, em 1960. Nesse período, a CNEC já se encontrava na segunda fase. Esta já vinha desenvolvendo a necessidade de constituir um quadro social que possuísse, pelo menos, cem sócios contribuintes e a aquisição de terrenos destinados à construção do prédio próprio (SILVA: 113). A articulação política e as habilidades de Felipe Gomes para angariar apoiadores

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



em sua cidade também seriam acionados. Aquele momento é tratado por Maria de Lourdes, em seu livro-documentário CNEC Picuí, 25 anos, como o início de um novo tempo para a cidade:

(...) Eis que aparece uma luz, um claro! Esta luz que já iluminava 373 escolas e atendia a 31.371 alunos, de vários estados do Brasil. Em nosso município a luz também chegou, precisamente a 02 de fevereiro de 1960, cuja personificação recai na pessoa do idealista Felipe Tiago Gomes que, após contatos com a comunidade, expôs seu ponto de vista e convocou uma reunião para eleger a 1ª diretoria da CNEG (1960/62), sendo escolhido o Cônego José de Barros para Presidente do Setor Local. (HENRIQUES, 1986, 22)

Para Maria de Lourdes, Tiago Felipe Gomes é representado como uma luz que trouxe uma nova dinâmica educacional para a cidade e, assim, marcou a vida da maioria dos picuienses. São discursos como estes que vão tecendo a imagem de Felipe Tiago Gomes na sua cidade natal como o seu “filho mais ilustre”. Uma memória alicerçada numa narrativa de heroísmos, superação, desafio, obstinação, vitória. São esses aspectos que estabelecem os lugares das lembranças sobre a CNEC e do seu idealizador, os que ficam em evidência no intuito de “impedir o esquecimento, imortalizar a morte e materializar o intangível para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais” (NORA, 1993). Diante dessa dicotomia do lembrar e esquecer, pessoas ligadas à CNEC, parentes, grupos políticos que tiverem aproximação com os ideais de Felipe Tiago Gomes vão forjando os lugares do não esquecimento e elaborando a sua imagem de benfeitor.

Não seria outra a intenção de Maria de Lourdes Henriques ao elaborar um documentário que marcou o aniversário de 25 anos da CNEC em Picuí, em 1986, intitulado: CNEC/Picuí – 25 anos. Na obra, a autora reúne uma série de registros sobre a experiência da CNEC na cidade, em suas primeiras décadas de funcionamento até o momento da escritura do livro, na década de 1980, ou seja, o livro contempla a primeira década de atuação (1960/1969); a segunda (1970/1979) e a época atual (1980/1984). Ressaltamos que a autora esteve envolvida, desde os primeiros anos, na Campanha e que também fez parte da diretoria geral do Setor Local por alguns anos.

O livro-documentário é prefaciado pelo próprio Tiago Felipe Gomes em que tece elogios à professora Maria de Lourdes, com quem tem vínculo de parentesco, e pontua:

É um livro para que nossos alunos, dirigentes, professores, cenecistas de um modo geral, possam buscar elementos de avaliação de um processo de educação comunitária, analisando e conhecendo este processo,

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



fazendo comparações das várias etapas do trabalho, do próprio crescimento, como um todo, da cidade. (HENRIQUES, 1986: p. 11).

Ao se reportar para a década de 1960, quando, na investida da implantação da CNEC em Picuí, a professora Maria de Lourdes entende que a cidade entra em uma outra perspectiva, que viria atender “ aos anseios de uma comunidade sedenta do saber para seus filhos...” e ressalta que, assim como em muitas cidades do Brasil, a CNEC chega a Picuí como uma luz “cuja personificação recaiu na pessoa do idealista Felipe Tiago Gomes” (HENRIQUES, 1986, p.15).

A imagem de Felipe Tiago Gomes passa a ser associada a do herói e benfeitor, no momento em que ressalta o discurso de superação do menino pobre, nordestino, sem capital material e que conseguiu vencer a partir da educação, sendo este o princípio básico que o moveu para a criação de uma campanha educacional que atendesse aos filhos dos desvalidos.

A trajetória do menino pobre que vence na vida é exaustivamente retomada por muitos desses sujeitos que se referem a Felipe Tiago Gomes e que atribuem, a este aspecto da sua vida “sacrificada”, um ato de heroísmo que o faz representar o lugar da superação e, dessa forma, tenta estabelecer um elo de identificação com aqueles que, assim como ele, possam sonhar com outros destinos, diferente daquele que, sem ter oportunidade de estudos, são relegados a uma vida mais sacrificada.

No 5º aniversário da CNEC, essa imagem é retomada e reforçada num discurso proferido por Maria de Lourdes Henriques:

“O menino pobre, sobraçando um livro já velho, envergando uma roupinha de brim barato, pisa a poeira quente da estrada, ruma à escolinha distante. Todos os dias ele faz o mesmo trajeto... O sacrifício da longa caminhada de ida e volta não desanima o rapaizinho. Vem sorrindo, como um pequeno herói, que tem nas veias aquele sangue bravo dos homens que Euclides da Cunha descreve em ‘Os Sertões’.

(...)esta foi a infância de Tiago Felipe Gomes. Completamente despida do conforto que a vida só oferece aos meninos das cidades, mas cheia de esperanças, como só os que sofrem sabem sentir.

(...) Conhecendo os benefícios que o saber traz aos homens, Felipe sonhava com o dia em que pudesse oferecer aos seus irmãos as facilidades do ensino Ginásial Gratuito.

(...) Assim após luta corajosa contra a descrença, a cruzada composta de 5 jovens, chefiada pelo herói Felipe Tiago Gomes, fundava em Recife em 29 de julho de 1943 a Campanha do Ginásiano Pobre e posteriormente o Ginásio Castro Alves.

(...) Felipe é o herói, cujo trabalho excepcional, realizado sob os mais puros princípios de idealismo, vem contribuindo para a democratização da cultura do Brasil e para que mais brasileiros possam realizar

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



plenamente seus destinos (...). (HENEIQUES, 1986, 43)

Para além dos registros memorialísticos sobre a CNEC e seu idealizador, Felipe Tiago Gomes, esta memória ganha nova dimensão e passa a constituir a paisagem da cidade com a construção do memorial-casa e do memorial-estátua em sua homenagem. Esses espaços resguardam **seus** vestígios, sua existência, forjando o elo de pertencimento daquele “ilustre homem” com a sua “pátria mãe”. Assim, não seria outra escolha que a sua cidade natal, para organizar seus pertences, seus objetos pessoais, suas honrarias, seus prêmios, acervo fotográfico que registram momentos seus com as mais diversas personalidade políticas civis e militares, os mais diversos registros da sua existência e de seu projeto educacional.

Numa iniciativa de parentes articulados com alguns grupos políticos da cidade, a casa onde Felipe Tiago Gomes viveu parte da sua vida se transformou em lugar de abrigo dessa memória, aberto ao público. Entendemos que esses lugares são espaços que cria um “sentimento de continuidade (...) há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORRA, 1996, 7). A materialização dessa memória, nesses espaços, representa o registro de uma ausência dada pelo tempo.

No memorial-estátua, erguido em um dos locais mais altos da cidade, Felipe Tiago Gomes se materializa em uma representação de concreto, seria, assim, presença mais representativa do ausente, a imagem fria, imóvel, que resguarda os seus restos mortais e o da sua genitora. Parece resguardar, também, o prédio da escola que leva o nome da sua mãe, local onde funcionou a CNEC, Escola Ana Maria Gomes, que hoje funciona como escola pública de nível fundamental. A CNEC funcionou, em Picuí, até o início dos anos 2000.

A estátua foi entregue à cidade em 2011 e sua inauguração contou com a participação de muitos políticos, como o então senador Cássio Cunha Lima e o Governador Ricardo Coutinho. Mas do que um ato político, a construção desses espaços representam também uma relação de poder que define e classifica seus “heróis”, atribuindo a estes uma identificação simbólica com a cidade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos inferir das nossas primeiras análises é que há usos e abusos de uma memória que pretende definir um lugar bem delimitado sobre o projeto CNEC e o seu idealizador como um benfeitor para a educação de uma parcela “carente” da sociedade picuiense. O projeto da campanha “vendia” uma imagem de educação gratuita, mas, na verdade, existia



uma estrutura organizacional que fixava uma contribuição social, como é relatado pela própria Maria de Lourdes Henriques:

A contribuição social ficou assim fixada para o curso ginásial: NCR\$ 3,00 para os alunos carentes; NCR\$ 5,00 se cujos irmãos estudassem no colégio e NCR\$ 8,00 para todos cuja situação financeira permitisse. Quanto ao curso técnico ficaram estabelecidos NCR\$ 8,00 e NCR\$ 10, 00, respectivamente, para os alunos carentes e outros (HENRIQUES, 1986:55)

Sendo assim, podemos indagar: com essa contribuição fixa, todos teriam acesso à CNEC? Ainda podemos pensar que esse tipo de estrutura estabelecia relações de apadrinhamento político, relações paternalistas com pessoas mais influentes da cidade que, de alguma forma, poderiam garantir os estudos ginásiais daqueles que não tinham condição de arcar com a contribuição, gerando, assim, trocas de favores e mecanismos de manutenção de relações de poder entre grupos políticos, grupos influentes da cidade e a comunidade local.

Ainda em vida, Felipe Tiago Gomes tratou de registrar suas memórias, traçando as linhas de uma narrativa a qual deveria ficar para as gerações futuras. Nos escritos, deixou registrada uma imagem de liderança, perseverança e de um homem de luta, que, filho da pobreza e da falta de oportunidade, conseguiu vencer todos os obstáculos e se destacar como um habilidoso político e educador. Uma memória reelaborada a partir de fragmentos, vestígios que se foram acumulando ao longo da vida, obedecendo a uma dinâmica de seleção por parte daquele que rememora e que deixa transparecer apenas aquilo que lhe interessa num movimento de enquadramento, de poder de fixar o que lhe é conveniente para a posteridade.

É essa memória que vem sendo reafirmada por uma parcela da população que procura estabelecer lugares de cristalização de uma imagem idealizada de Felipe Gomes e de identificação da cidade com o político, professor, educado, bem como com a sua campanha. A ação de criar o memorial partiu do seu sobrinho Valdemiro Severino de Maria, que atualmente reside em Brasília, mas exerce a função de manter aquele espaço funcionando.

A construção do memorial-estátua contou com a colaboração dos poderes públicos. Construída estrategicamente num dos pontos mais altos da cidade, a estátua simboliza a grandiosidade com que o “filho mais ilustre de Picuí” é tratado. Com uma mão erguida, a representação em concreto de Felipe Tiago Gomes parece abençoar a sua cidade natal, num gesto de paternalismo, características que, ao que nos parece, sempre esteve atrelado às suas obras e atitudes perante o povo picuiense.



REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, ano 45, n 2, p. 26-39, jul. / dez, 2009.

DUARTE, Ariane dos Reis. Idealismo e Educação: as relações entre a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) e o Colégio Santa Luzia de Gravatá /RS. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

GOMES, Tiago Felipe. **Escolas da Comunidade**. 6º ed. Brasília. CENEC Edições. 1998.

HENRIQUES, Maria de Lourdes (Org.). **Educação comunitária** – Enfoque cenequista. João Pessoa-PB: CNEC/PB, 1985.

HENRIQUES, Maria de Lourdes. CNEC/Picuí-PB – 25 anos. Documentário, João Pessoa-PB: CNEC/PB, 1986

HOLANDA, Ivanildo Coelho. **Campanha Nacional de Escolas da Comunidade: Um Estudo Histórico**. João Pessoa, Editora Universitária, UFPB, 1981.

PONTES, Joel. **Escolas da Comunidade: Memórias, quase Histórias**. 2º ed. Brasília, 1978.

FERNANDES, Paula Rejane. **A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia**: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Vitória, 2014.

SILVA, Ronalda Barreto. **Educação Comunitária: Além do Mercado e do Estado? A Experiência da Campanha Nacional da Campanha da Comunidade, CNEC (1985/ 1988)**. (tese de Doutorado).

SILVA, Ronalda Barreto; e FONSECA, Daisy da Costa Lima. 2002. **A atuação da Campanha**



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC na Educação Baiana (1953-1964).
Salvador/BA.